

OFFICE OF CONGRESSMAN JOHN RATCLIFFE VIA WIKIMEDIA COMMONS



Na Rússia, John Ratcliffe discutiu crise com Serguei Narichkin

Chefe da CIA discutiu crise com a Otan em viagem à Rússia

O diretor da CIA, John Ratcliffe, discutiu com seu equivalente russo, Serguei Narichkin, a escalada na crise entre a Rússia e a aliança militar ocidental Otan durante sua visita a Moscou na terça-feira (25). Chefe da espionagem americana, Ratcliffe passou cerca de nove horas na capital russa, em uma viagem cercada de mistérios feita em um cargueiro militar e cuja confirmação só ocorreu no dia seguinte.

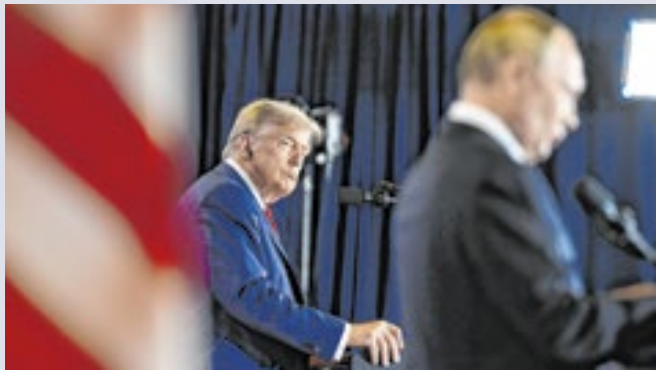
A reportagem ouviu de uma pessoa com conhecimento do assunto em Moscou que eles trocaram impressões e advertências, mas num tom mais ameno do que o sugerido por reportagem do americano Wall Street Journal.

Do lado americano, a preocupação era com as informações de inteligência segundo as quais Vladimir Putin poderia atacar alvos da Otan.

EUA, no momento, não estão preocupados

A motivação seria o momento de impasse na Guerra da Ucrânia, os ataques de Kiev que geraram uma crise de combustíveis e logística na Rússia e mesmo a fraqueza americana devido à exaustão no Irã. Relatos sobre esse temor de países da Otan, em particular os mais expostos membros da aliança na região do mar Báltico, têm sido frequentes. Na quinta, Donald Trump afirmou não acreditar nessa possibilidade. “Não estou nem um pouco preocupado, não há problema”, disse ao site Axios.

DANIEL TOROK/ CASA BRANCA



Donald Trump não crê que Vladimir Putin ousará atacar a Otan

Trump diz que “Putin não vai atacar a Otan”

Depois, repetiu a repórteres na Casa Branca que “Putin não vai atacar a Otan”. Mesmo integrantes da elite russa e do entorno do Kremlin, que passam parte do tempo tentando adivinhar o que pensa Putin, creem que o líder possa escalar o conflito e veem um embate ainda que limitado com a Otan como inevitável. Nesta quinta (27), o porta-voz do Kremlin, Dmitri Peskov, chamou de “histórias para assustar” as reportagens trazendo tais cenários. Segundo ele, a Rússia não tem intenção de entrar em guerra com a Otan.

Porta-voz de chancelaria de Moscou faz ameaça

No encontro com Ratcliffe, Narichkin, um linha-dura que chefia o SVR (Serviço de Inteligência Estrangeiro), queixou-se do premiê britânico, Andy Burnham, que prometeu ajudar na criação de uma fábrica de mísseis de cruzeiro na Ucrânia. A porta-voz da chancelaria em Moscou, Maria Zakharova, disse que Reino Unido e França estavam “brincando com fogo”.

Por Igor Gielow (Folhapress)

Terremoto no Tibete

Centros de sismologia ao redor do mundo registraram na quinta (27) um terremoto de magnitude 5 no Tibete, região da China que, ao lado do Nepal, foi atingida um dia antes por uma enchente que matou pelo menos 395 pessoas. O epicentro do terremoto de quinta está a centenas de quilômetros ao norte da região fronteiriça que concentra os danos da enchente.

Povoados devastados

O abalo foi detectado a dez quilômetros de profundidade pelo Centro de Pesquisas Geológicas (GFZ), na Alemanha, e pelo Centro de Terremotos da China, agência de defesa civil chinesa. Os alemães afirmaram que a magnitude foi 5, enquanto a agência chinesa registrou 4,7. A tragédia desta quarta (26) deixou povoados inteiros devastados e submersos em lama.

Catástrofe no Nepal

Do total de mortos, 392 foram registrados no Nepal e três no lado chinês, segundo a imprensa estatal. As autoridades do Nepal usaram helicópteros para procurar sobreviventes e lançar suprimentos de emergência para milhares de pessoas isoladas em cidades e vales depois que o desastre varreu uma área popular entre praticantes de trekking.

Colapso de geleira

As enchentes repentinas ocorreram após o colapso de uma geleira, que lançou rochas, gelo, lama e detritos nos sistemas fluviais das montanhas. O fenômeno, chamado de colapso glacial, causou um abalo sísmico equivalente a um tremor de magnitude 5,2. Por isso que, inicialmente, as autoridades pensaram que um terremoto havia causado a tragédia.

Pânico e destruição

No Nepal, a enchente varreu o vale do rio Trishuli, no distrito de Nuwakot, ao norte de Katmandu, e o vale do rio Bhote Koshi, a leste da capital. No lado chinês da fronteira, um deslizamento de terra que atingiu o porto de Gyirong engoliu carros e causou pânico e destruição, como visto nas imagens que aterrorizaram o mundo.

Turistas desaparecidos

As autoridades nepalesas continuam sem notícias de 823 pessoas, entre elas 517 turistas estrangeiros. Muitos dos desaparecidos são peregrinos hindus que viajavam ao sagrado Monte Kailash, no Tibete. O grupo inclui 178 cidadãos da Índia, 65 dos EUA, 53 da Ucrânia, 51 da Malásia, 35 da Austrália, 33 do Reino Unido, 25 do Canadá e 4 da Espanha.

RAFA NIEDEMEYER/AGÊNCIA BRASIL



Último El Niño produziu enchentes terríveis no Sul e seca no Norte do Brasil

Mudança climática intensifica o El Niño no seu início

Por José Henrique Mariante (Folhapress)

El Niño, o fenômeno que favorece de secas a inundações e promete eventos extremos neste restante de 2026 e em 2027, está se intensificando com o aquecimento global. Dados coletados de corais em Galápagos (Equador), arquivo natural com um milênio de informações, mostram que a oscilação está ao menos 36,5% mais intensa do que durante o período pré-industrial. A conclusão é de um artigo publicado na quinta (27) na revista Science e confirma o que dados observacionais já sugeriam: o El Niño também está sendo impactado pela mudança climática provocada sobretudo pela queima de petróleo, carvão e gás natural.

Ainda que presumida, tal relação era de difícil comprovação pela falta de registros mais remotos e pela grande variabilidade natural do fenômeno. O estudo liderado por Julia Cole, professora da Universidade de Michigan, contorna o problema por meio da análise geoquímica de alta resolução de corais do arquipélago no Pacífico e de exemplares fossilizados.

A paleoclimatologia, especialidade de Cole, permitiu a seu grupo de pesquisadores estimar as temperaturas da superfície do oceano naquela região nos últimos mil anos. Assim como ocorre com bolhas de ar aprisionadas em gelo de glaciares e anéis de árvores, fósseis de corais guardam informações climáticas de outras eras.

Como Galápagos fica próximo à região em que o El Niño por padrão científico é monitorado, o conjunto trabalhado pelo estudo tinha potencial para refletir seu histórico de comportamento. Os dados obtidos na análise foram então comparados com outras medi-

ções feitas a partir de corais do Pacífico. O resultado demonstrou uma disparada da variabilidade nas últimas quatro décadas. A atual variação é 36,5% mais alta do que a observada na era pré-industrial, com El Niños cada vez mais frequentes e mais intensos.

“Era o esperado”, afirma Regina Rodrigues, professora da Universidade Federal de Santa Catarina e integrante da rede de pesquisadores do Instituto Nacional de Pesquisas Oceânicas. “El Niño é um regulador do clima. E, como a gente está em desequilíbrio energético com as mudanças climáticas, o oceano está tentando tirar mais calor da atmosfera, acelerando seu ciclo”, diz a oceanóloga, que não participa do estudo.

El Niños fortes ocorriam em intervalos de 10 a 15 anos, como registrado em 1982/83, 1997/98 e 2015/16. Nesta década, o ritmo mudou. O último El Niño intenso foi em 2023/24 e o seguinte, segundo projeções da Administração Nacional Oceânica e Atmosférica (Noaa), dos EUA, tem 93% de chances de ocorrer de setembro a novembro deste ano.

Essa aceleração na frequência, agora confirmada como fruto das emissões provocadas pela atividade humana, tende a agravar as consequências de eventos extremos também devido à potencial sobreposição de ocorrências.

“Estudos mostram que o PIB mundial cai após episódios de El Niño e que a recuperação leva cinco anos se eles forem fortes. A gente não se recuperou ainda de um e já vamos ter outro”, observa Rodrigues, lembrando das inundações no Rio Grande do Sul, em 2024. “As coisas ainda não foram totalmente reconstruídas, existem bairros com lixo ainda”, disse.